

SERGIO BUARQUE DE HOLANDA E O ESTUDO DOS MEANDROS DE UMA SOCIEDADE MOVEDIÇA NOS TERRITÓRIOS DO OURO: POVOAMENTO TUMULTUÁRIO E O PROCESSO DE SEDIMENTAÇÃO SOCIAL NO SÉCULO XVIII

*Maria Inez Machado BORGES PINTO**

“Metais e Pedras Preciosas”¹ contém vislumbres de interpretação renovadores sobre a economia e a sociedade da mineração, revisões críticas acerca do que escreveram outros historiadores sobre o mesmo período, inclusive a ênfase na maior lucratividade de outras áreas de atividade que não a própria mineração, sobrecarregada de impostos pela Coroa Portuguesa.

Estuda o processo de formação de uma sociedade movediça nos territórios do ouro e acaba com uma análise da integração econômica do centro - sul do país, em fins do séc. XVIII.

Traços de conceituação dialéticos afloram em quase toda sua obra. O princípio dialético aparece então trabalhado no próprio estilo narrativo e entranhado na concepção do fluir do tempo e no movimento das tensões e forças contraditórias que ele deslinda. Aos conceitos fixos, prefere trabalhar com nuances e comparações, reconstituindo uma continuidade de meandros e descrevendo um longo período de transição. Raramente recorre ao traço grosso, ao factual e descritivo; prefere nuancear o ambíguo, trabalhar com as contradições, para interpretar os textos da época, vislumbrar as possibilidades do vir a ser².

* Professora do Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC-SP.

1. HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Metais e pedras preciosas*. In: ———, org. *A época colonial*. São Paulo, Difel, 1968. t.1, v.2. p.259. (História Geral da Civilização Brasileira).
2. DIAS, Maria Odila Leite da Silva, org. *Sérgio Buarque de Holanda: história*. São Paulo, Ática, 1985. p. 1 - 64. (Grandes Cientistas Sociais, 51).

Pode-se dizer que toda a sua obra foi construída em torno do conceito de tempo, continuidade e mudança no processo do vir a ser; as tensões entre as palavras e os conceitos, explorar os múltiplos níveis de atividades humanas em suas mútuas intersecções, reconstruir a singularidade brasileira entre os diferentes povos, a partir da urdidura dos pormenores significativos que abraçam totalidades – eram os passos de seu método trabalhoso, eminentemente criativo. Voltava sempre aos movimentos essenciais do tempo, procurando entranhá-los na narrativa em ritmos alternativos, laboriosamente trabalhados para constituir a síntese histórica³.

Conceitos sociológicos muito fixos pareciam-lhe rígidos demais para o estudo da formação brasileira, particularmente do processo de sedimentação da Mineração no séc. XVIII. Havia abordagens incompatíveis com a temporalidade do processo histórico, tais como a dos estruturalistas, dado que conceitos como o de estrutura e disrupção se aplicam a cada momento histórico⁴.

Em “Metais e Pedras Preciosas” analisa os meandros de uma Sociedade Movediça, contrastava os valores funcionais e hierarquizantes, trazidos de Portugal, com a improvisação de costumes, ante a realidade da vida nos arraiais do ouro. Procura resgatar o sentido contingencial da existência destas populações mineradoras no tempo e no processo do devir; trabalha as conexões entre o pensamento e as forças históricas sociais, econômicas, políticas, as inter-relações entre a cultura erudita e a popular, os valores herdados e a experiência nova e pioneira dos portugueses⁵.

Sugere um processo dialético na experiência do pioneirismo paulista: os valores ibéricos negados e ameaçados pelo meio hostil; a adoção da cultura material e de técnicas indígenas de sobrevivência; com o enraizamento da Sociedade Mineira, sociedade eminentemente urbana, analisa a superação paulatina deste impasse inicial na lenta recuperação e reafirmação das formas de convívio trazidas da Península Ibérica, no século XVIII.

Historiador das Mentalidades, em “Metais e Pedras Preciosas”, procurou reconstruir a transformação dos colonos aventureiros, os primeiros sertanistas, homens intrépidos, em retalhistas negociantes e

3. *Ibidem*, p.17 - 18, 23 e 25.

4. *Ibidem*, p.24 - 25.

5. *Ibidem*, p.25 - 31, 55 - 56.

delinear o processo de formação de uma sociedade que vai aos poucos tornando menos turbulenta e mais civilizada no sentido da europeização de normas e costumes. Ao individualismo turbulento dos primeiros tempos sucedera uma ação mais disciplinada e mais racional. “Aos Freios divinos e naturais, os únicos em realidade que compreendiam muitos dos sertanistas de outrora, acrescentavam-se cada vez mais poderosas, as tiranias legais e judiciárias, as normas de vida social e política, as imposições freqüentemente caprichosas dos governantes”⁶.

Discerne as etapas do progresso dos valores capitalistas europeus que se introduzem aos poucos em meandros ambíguos, contra o pano de fundo da turbulência e autonomia sertaneja e da imigração tulmutuária dos primeiros tempos. No século XVIII preponderava de novo a cultura européia nos costumes dos colonos, transformados e devidamente matizados. Na época da mineração, negociantes reinóis traziam de Portugal a disciplina e a racionalidade da poupança que se contrapunha à turbulência dos bandeirantes aventureiros. Através desse prisma dialético, o historiador discernia as limitações do progresso nas diversas conjunturas da colônia, onde nunca foi um processo linear senão esparso e local, sempre dotado de feições regionais, em meandros indecisos, por vezes contraditórios⁷.

A narrativa em “Metais e Pedras Preciosas” vai num crescendo dinâmico, opondo forças dialéticas; de um lado, os limites da capacidade dos descobridores paulistas de se transformarem em povoadores sedentários e, de outro, os limites de atuação da política urbanizadora, fiscal e centralizadora das autoridades da Coroa Portuguesa⁸. Até mesmo o modo como contribuíram com suas medidas excessivamente autoritárias para a generalização do contrabando e a conseqüente diversificação da economia do ouro; a intensificação do comércio, expansão da lavoura de abastecimento e do artesanato local.

Sérgio Buarque de Holanda retoma aqui a oposição entre medidas normativas, centralizadoras e as iniciativas espontâneas, sempre imprevisíveis dos colonos. Critica a tentativa de Vitorino Magalhães Godinho de estimar a produção total do ouro brasileiro através de dados quantitativos coligidos da documentação fiscal, o que a seu ver, subestimava a extensão assumida pelo contrabando⁹.

6. HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Monções*. São Paulo, Alfa-Omega, 1976. p.117.

7. M.O.L. da Silva DIAS. *op. cit.*, p.17.

8. *Ibidem*, p.41.

9. *Ibidem*, p. 42.

Sérgio Buarque chama ainda a atenção para o surto econômico inusitado do comércio e da lavoura, na época da mineração. Essas atividades, por iludirem mais facilmente a vigilância opressiva do fisco acabaram sendo as mais lucrativas da época e a fonte de novas fortunas que se improvisavam no trato mercantil e na lavoura de abastecimento, basicamente voltada para o mercado interno. Reenfatiza alguns traços peculiares enraizados na mentalidade dos colonizadores como as atitudes predatórias e devastadoras com relação ao índio e à natureza, presentes nas técnicas utilizadas durante o renascimento agrícola do século XVIII, aludindo que praticavam esta nova agricultura como uma “forma diferente de mineirar”.

Características Sociais do Povoamento de Minas

A “Sociedade Mineradora” é uma análise poderosamente sintética do processo de formação da sociedade mineradora, no começo do século XVIII. Sérgio Buarque de Holanda a qualifica de “democrática” nesta fase inicial (povoamento tumultuário) e procede a rigorosos confrontos para nuançar o sentido relativista que atribuía ao termo democrático; estabelece dois paralelos comparativos, um com a hierarquia mais rígida e com os padrões mais autoritários da sociedade da grande lavoura do litoral e outro com as próprias tradições ibéricas de sedimentação social¹⁰.

A sociedade “sui generis” no Brasil, que por tudo isso ia se constituindo nas Minas Gerais, agregado mais ou menos informe de elementos de várias procedências, de todos os estratos, só poderia espelhar, e espelhará ainda por longo tempo, essa formação compósita. Não parece excessivo dizer, ao menos em confronto com a de outras partes da América Lusitana, que a ocupação do território se processou ali de formas relativamente democráticas. Muito mais, sem dúvida, do que a das áreas açucareiras. Mobilidade social mais rápida e fluída: ascensão de uma elite de arrivistas, safda dos baixos escalões sociais.

Os instrumentos rudimentares exigidos nas faisqueiras, a que de início todos recorrem, serve para afirmar o cunho relativamente democrático que assume o povoamento das Gerais e ainda mais a nivelar a gente que vive de catar e mandar catar.

10. *Ibidem*, p.58 - 59.

É com progressivo aprimoramento das técnicas de mineração exigidas para a exploração das matrizes que se podem introduzir alguns princípios mais rígidos de diferenciação entre elementos oriundos de várias procedências sociais (meio amorfo). Mais depressa do que em outras partes, a escala social vem a ser determinada pela posse maior ou menor de bens das fortunas precedentes. Tal fato dará lugar a mordaz sátira do autor de "Cartas Chilenas" (Tomaz Antônio Gonzaga) – aludindo a uma elite de enriquecidos que ocupavam uma posição sobranceira na sociedade os "Mineiros de Roda"¹¹.

A maior permanência, assim como a maior complexidade da estrutura social e econômica das comunidades mineiras depende longamente do caráter das veias existentes e dos métodos de exploração delas.

A Mobilidade da Hierarquia Social em Minas

A espécie de igualitarismo que neste caso se estabelece entre elementos de todas as classes e extrações e, de outra parte, as largas possibilidades de negócios abertas na lavoura de abastecimento, comércio, prestação de serviços, servirão de reforço provavelmente ao cunho democrático assumido pela ocupação do território nas Gerais, comparada a de outras partes do Brasil. É compreensível que esse cunho marque principalmente os decênios iniciais da ocupação, quando uma avalanche de imigrantes de todas as castas, de fato a primeira ocupação espontânea em massa que recebera a colônia portuguesa se lança sobre a região mineradora devastando-a na demanda da riqueza fácil.

É sobretudo a diversidade de aptidões bem ou mal afortunada (diferenciação de profissões, nível de riqueza, discriminação social e o preconceito contra o trabalho manual), que servirá para distribuir os vários elementos em camadas sociais. E é forçoso que esta hierarquia se estabeleça segundo os padrões ibéricos e portugueses que são os valores culturais que servem de pontos referenciais.

Aquela massa, pouco menos do que indiferenciada dos primeiros tempos, vai recompor-se na Sociedade Mineira conforme as tradições da pátria de origem. A escala social refaz-se naturalmente à medida em que parece estabilizar-se o povoamento em núcleos fixos, como se tudo

11. S. Buarque de HOLANDA. *op. cit.*, p.282 - 283.

estivesse para voltar às velhas normas universalmente aceitas. No entanto, existe uma diferença: a escala é a mesma, contudo não são os mesmos os indivíduos que se distribuem pelos degraus¹².

É naturalmente compreensível que sobre o tumulto inicial se vá impor cada vez mais alguma aparência de estratificação. E apesar disso, durante longo tempo, a bem dizer em todo o curso do século XVIII, essa espécie de ordenação forçada, puramente exterior, não consegue dissimular ali a ebulição íntima. Existe, é claro, a norma externa, ao menos como um modelo formal, pois qualquer sociedade de homens se há de pretender civil e bem composta. Mas como impedir que venham constantemente à tona os contrastes entre a idealidade e uma realidade tangível e bruta? O que de tudo ressalta é a estrutura movediça que se desmancha em partes, e se recompõe continuamente, ao sabor de contingências imprevisíveis¹³.

A Emergência de Uma Aristocracia de Letrados e Ociosos: Aristocracia do Espírito

O auge deste trabalho é a análise do processo de sedimentação social e da ascensão de uma nova aristocracia de homens letrados, ansiosos por esquecerem as mãos calejadas de seus ancestrais próximos, arrivistas preconceituosos, cujos valores o historiador reconstruiu através das “Cartas Chilenas”, deixando falar os preconceitos e trabalhando com minúcias as peculiaridades do espírito da época. Foge como sempre às generalidades e persegue o global através de um método descritivo de fatos miúdos, que se ligam em cadeias e acabam por recompor quadros gerais da formação social e econômica dos mineradores do século XVIII¹⁴.

Mesmo nas Minas, passada a fase mais caótica da exploração aurífera, já se faria sentir a tendência para um tipo de estratificação social provável ao maior prestígio dos que podem aparentar uma digna ociosidade. Não é só essa tendência a mais consentânea com velhas tradições lusitanas e hispânicas (o preconceito contra o trabalho manual), como é a única verdadeiramente compatível com os processos de

12. *Ibidem*, p.295 - 298.

13. *Ibidem*, p.297.

14. M.O.L. da Silva DIAS. *op. cit.*, p.59.

colonização daquelas partes. Como sucede em muitas sociedades de formação “relativamente democráticas”, e onde os valores pecuniários governam longamente as atividades, tanto quanto as relações humanas, o toque da distinção está aqui nos que pareçam escapar a esta lei. O próprio lugar das aristocracias de sangue vem a ser diminuído à falta delas, por aqueles que se mostrem aptos à disposição de seus lazeres segundo outra ordem de valores, ordem essa em que os interesses simplesmente materiais já não ocupam o primeiro posto.

Assim é que na segunda metade do século XVIII, e num meio quase inteiramente dominado pela cobiça dos bens de fortuna, subitamente aparecem, e começam a mostrar-se cônscios de sua importância, os portadores de virtudes mais bonançosas ou inutilitárias, que se exprimem no gosto estético, na cultura espiritual e, ao que parece, no apuro maior das maneiras. O próprio Critieo (Thomaz Antônio Gonzaga) tão avesso à ascensão social da gente miúda, mormente mulatos e tendeiros, partidários tenaz de uma divisão hierárquica e mais ou menos impermeável das classes, que lhe parece coisa obrigatória em reino bem regido, coloca-se entre os privilegiados dessa aristocracia do espírito, que pouco tem a ver com os acidentes de nascimento e origem. Ele tem como coisa assente e indubitável que a nobreza togada cabe lugar especial na República, e em nada inferior ao dos próprios fidalgos de sangue, pois, diz:

“As letras, a justiça, a temperança não são, não são morgados que fizesse a sábia natureza, para andarem por sucessão nos filhos dos fidalgos.”

Não ousa ainda pensar ou dizer abertamente que essa aristocracia do espírito, mais ilustre do que a velha, a dos que não cessam de contar genitores da raça dos servos, mais dos “gôdos”, abre exceção à regra da boa polícia, que impede de subir a distintos empregos as pessoas que “vêm de humildes troncos”¹⁵. Cláudio Manuel da Costa, o bom amigo Glauceste, só se vangloriava da boa ascensão paulista de parte da mãe, sem lembrar que, através do pai reinol, vinha de tronco humilíssimo. Sabe-se que seu avô em Portugal, vivia de vender “azeite por miúdo, trazendo às costas em um odre pelas portas”, e ainda que a avó também era de “segunda condição”¹⁶. A velha fidalguia de sangue continuará a guardar muito de seu realce, mas aparece como coisa

15. S. Buarque de HOLANDA. *op. cit.*, p.300 - 301.

16. *Ibidem*, p.301.

remota e inabordável, por isso fora das contendidas. Os lugares distintos são disputados cada vez mais pela nova casta de homens, formada geralmente de letrados e doutores. É a única, endinheirada ou não, que se pode opor, fundada em títulos irrecusáveis, aos que baseiam toda a sua força nos grandes cabedais acidentalmente ganhos em lavras e negócios. E é a que procura, muitas vezes, suprir com pergaminhos ilustres a carência de fidalgos e filhos de fidalgos.

Para finalizar, vamos destacar alguns pontos de interpretação na obra de Sérgio Buarque que se tornaram marcos na historiografia da Mineração nos últimos vinte anos. Entre os quais a ênfase em que o desenvolvimento da Economia do Ouro ajudou a incrementar a formação de novas áreas de produção (lavoura de abastecimentos, pequenos ofícios, comércio), criando no interior da América Lusitana, um mercado que no exterior lhe faltava – o mercado interno. Dessa forma reanima-se e diversifica-se a economia do centro-sul relegada até então a uma posição secundária na vida da colônia. Por este meio, toda esta região torna-se centro de uma atividade intensa que servirá para inseri-la definitivamente ao restante das terras portuguesas no Novo Reino. A penetração dos paulistas pelos sertões adentro e a sedimentação da sociedade mineira contribuía para enraizar o processo de interiorização da colonização portuguesa, tradicionalmente afeita à colonização costeira.

O historiador analisa o processo de sedimentação da Sociedade Mineira e europeização dos valores segundo os moldes ibéricos, os preconceitos dos contemporâneos e a emergência, na segunda metade do século XVIII, de uma aristocracia de letrados e magistrados que se destaca pelo cabedal e pelo preconceito contra qualquer forma de trabalho manual. O autor procurou ainda ressaltar a participação ativa e maciça dos figurantes mudos (anônimos colonos, sertanistas, ameríndios, índios, escravos), da raia miúda, no processo de povoamento e colonização da Sociedade Mineira.

Em “Metais e Pedras Preciosas” nota-se o esforço de Sérgio Buarque de Holanda de reconstituir a vida dos homens anônimos - as forças ativas da sociedade e o sistema de dominação a que estavam expostos.

Na última fase de sua obra de historiador, a presença dos figurantes mudos, como a maioria da população do país, marginalizada da vida política, torna-se o pólo central de suas preocupações, a ponto de sugerir reflexões sobre o limite do alcance da história política e de apontar para caminhos futuros de uma historiografia brasileira, renovada e capaz de abarcar todos os setores da sociedade¹⁷.

17. M.O.L. da Silva DIAS. *op. cit.*, p.51 - 53, 59.